

Pepino

A caminho do céu, sempre a pedalar

Alberto da Silva “Pepino”, falecido no último sábado, 11, por doença, foi a enterrar nesta terça-feira, 14, no campo santo da Kamunda, província de Benguela, sua terra natal.

Nunca lhe perguntei, mas dizia-se à boca cheia que o orgulhoso marceneiro tinha construído o seu próprio caixão há muitos anos, e que o mantinha bem guardado na pequena oficina, à espera daquele dia... E o dia chegou! Foi no passado sábado, 11 de Agosto, pouco depois das nove da noite, que o meu amigo Alberto da Silva ‘Pepino’, ícone do ciclismo angolano e africano, deixou a estrada da vida. Uma paragem cardíaca obrigou-o a abandonar a prova. Para sempre.

Nos meus anos de menino, já Pepino era famoso em Benguela. Não o conheci no seu tempo de futebolista, mas vi-o muitas vezes correr pelas ruas da cidade, sozinho, encharcado em suor. Fazia-me uma certa espécie aquele senhor a passar à minha porta, ‘equipado’, de quedes brancos, a correr sem aparente razão. Lembrei alguns anos a perceber porquê.

Quis a sorte que viesse a conhecer o “Senhor Pepino” numa das minhas viagens a Benguela, aí pelos anos 90. Nessa altura, já o antigo praticante de atletismo se havia transformado em ciclista. E que ciclista! Aos 60 e tantos anos, planeava cobrir a distância entre Benguela e Luanda em menos de uma semana. “Só ou acompanhado”, dizia. Fiquei rendido àquela audácia.

O Pepino havia de fazer isso — e muito mais! A lista das suas proezas atléticas, nos últimos 30 anos, não cabe nos limites desta nota evocativa. Outros o farão

com mais direito e abundante conhecimento do que eu. Mas queria deixar o registo de apenas uma dessas proezas — a sua ida aos EUA, em 2013, para competir nas chamadas Olimpíadas de Veteranos.

Tínhamos combinado encontrar-nos em Lisboa num desses restaurantes frequentados por executivos, na zona da Praça de Espanha. Sentado na esplanada, esperava pacientemente por ele. E o Pepino apareceu acompanhado pela mulher, a sempre doce e ubíqua D. Odete. Para minha surpresa, ele vinha de calções. Indiferente à curiosidade que a sua figura imediatamente causou, abraçou-me com aquele enérgico e prolongado abraço que marcava a predileção por certas companhias. E, já sentado, Pepino foi directo ao assunto. Queria que eu o ajudasse a comprar em Lisboa uma excelente bicicleta com a qual pudesse competir “com os americanos, na terra deles”.

Dali a alguns meses realizar-se-iam em Houston, no Texas, as denominadas Olimpíadas de Veteranos, e Pepino tinha umas contas a ajustar. Quatro anos antes, em São Francisco da Califórnia, obtivera uns “meros” quarto e sexto lugares nas provas olímpicas em que tinha participado. Agora, com 90 anos, preparava-se para a desforra. Mas, para isso, precisava de uma bicicleta, como deve ser. Movido mais por orgulho de benguelense do que por conhecimento de causa, lá ajudei o Pepino a escolher a bicicleta certa. Poucos dias depois fui ao aeroporto de Lisboa des-

pedir-me daquele que seria, não só o único angolano, como o único africano a competir na prova. Confesso que as minhas expectativas não eram muito altas.

Como me enganei! Não tinha volvido uma semana e já o Pepino me dava a boa nova ao telefone: tinha ganho, não uma, mas duas medalhas de ouro! Corri a dar a notícia aos jornais.

Era assim o Pepino. Sempre seguro das suas capacidades, respondia a qualquer desafio com o majestático plural num “Vamos fazer!” Modesto e valente, ria-se de quem lhe falava em esforço ou sacrifício. A vida para ele era uma corrida de bicicleta: quem parar cai.

Tinha um coração do tamanho do mundo, o que explicava aquele riso inteiro e contagiante que apenas esmorecia se alguém lhe falasse mal de outrem. Os seus olhos inteligentes penetravam como setas no interlocutor a quem estivesse a confiar um dos seus conselhos, quase sempre relacionados com dietas, exercício físico ou a forma de tratar (bem) uma mulher.

O exemplo de Alberto Silva ‘Pepino’ devia ser ensinado nas escolas de Angola como modelo de vida e de cidadania. Que outro angolano, simples operário, mudou de vida aos 60 anos, abraçando para sempre a paixão do ciclismo? Que outro se tornou empresário aos 70? Criou uma fundação aos 80? Participou e venceu provas internacionais desportivas aos 90?!

A abnegação física e o vigor psicológico de que Pepino sempre deu provas não resistiram à gadanha da morte. Essa ninfa cega e traiçoeira que ele afrontou em vida construindo o seu próprio caixão vingou-se de tanta coragem. Mas estou a vê-lo, curvado sobre aquela bicicleta, olhos fixos no asfalto, a dizer muitas vezes para si mesmo: “O céu é já ali!”

Agostinho P. de Miranda

» «Sempre seguro das suas capacidades, respondia a qualquer desafio»



O veterano ciclista Alberto da Silva “Pepino”, à esquerda, morreu aos 95 anos